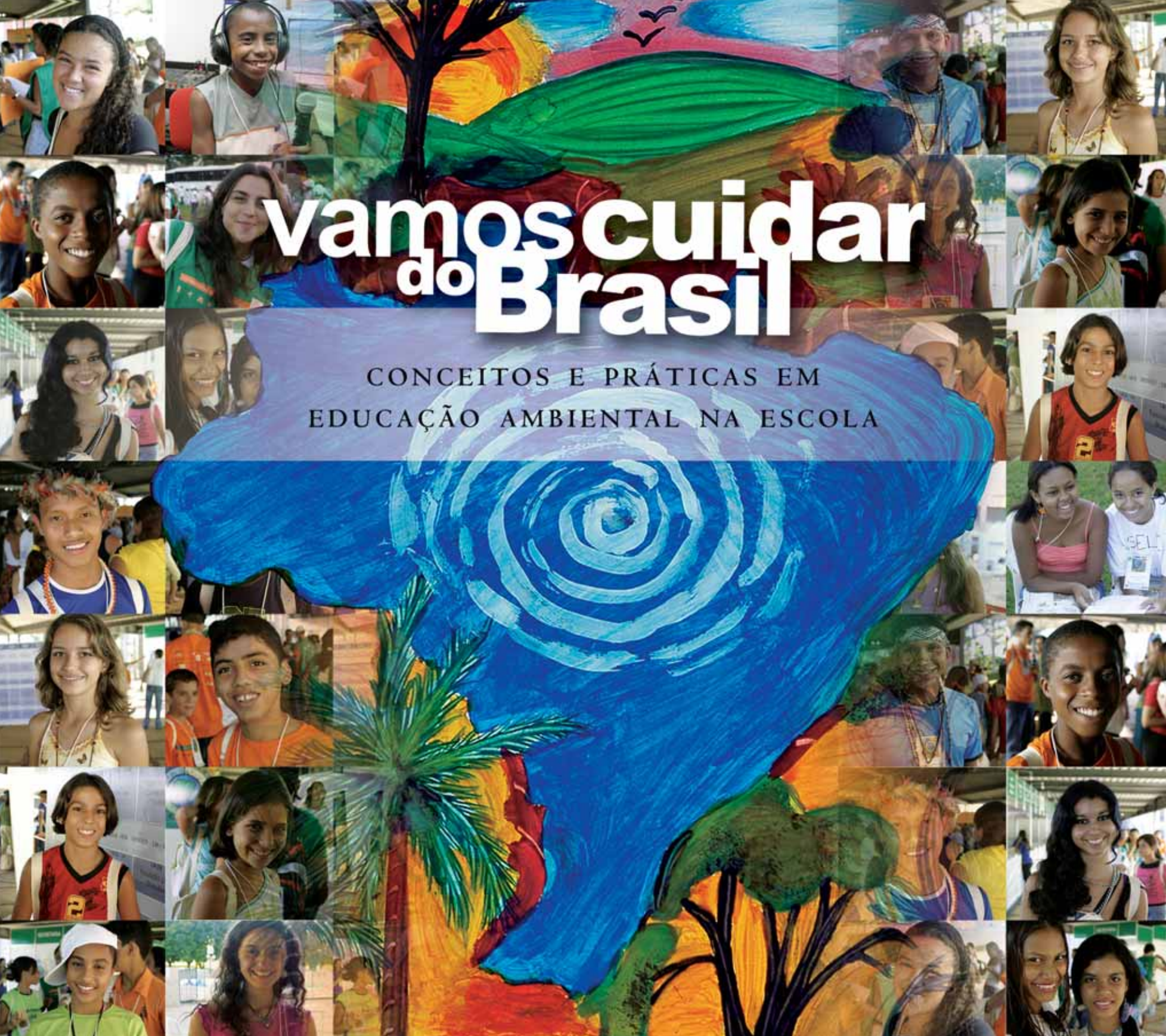




# vamos cuidar do Brasil

CONCEITOS E PRÁTICAS EM  
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA

# **vamos cuidar do Brasil**

CONCEITOS E PRÁTICAS EM  
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA

BRASÍLIA, 2007



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura

#### **Representação da UNESCO no Brasil**

SAS, Quadra 5, Bloco H, Lote 6, Ed.  
CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar  
CEP: 70.070-914 – Brasília – DF  
Tel.: (55 61) 2106-3500  
Fax: (55 61) 3322-4261  
Site: [www.unesco.org.br](http://www.unesco.org.br)  
E-mail: [grupoeditorial@unesco.org.br](mailto:grupoeditorial@unesco.org.br)

#### **Ministério da Educação**

*Secretaria de Educação Continuada,  
Alfabetização e Diversidade*  
*Diretoria de Educação Integral, Direitos  
Humanos e Cidadania*  
*Coordenação Geral de Educação Ambiental*  
SGAS – Av. L2 Sul – Quadra 607 – Lote 50  
2º andar – sala 212 – CEP: 70.200-670 –  
Brasília – DF  
Tel: (61) 2104-6142 – Fax: (61) 2104-6110  
0800 61 61 61  
Site: [www.mec.gov.br/secad](http://www.mec.gov.br/secad)  
E-mail: [ea@mec.gov.br](mailto:ea@mec.gov.br)

#### **Ministério do Meio Ambiente**

*Secretaria de Articulação Institucional  
e Cidadania Ambiental*  
*Departamento de Educação Ambiental*  
Esplanada dos Ministérios  
Bloco B – 5º Andar – Sala 553  
CEP: 70.068-900 – Brasília – DF  
Tel: (61) 3317-1207, 3317-1757  
Fax: (61) 3317-1757  
Site: [www.mma.gov.br/educambiental](http://www.mma.gov.br/educambiental)  
E-mail: [educambiental@mma.gov.br](mailto:educambiental@mma.gov.br)

# vamos cuidar do Brasil

CONCEITOS E PRÁTICAS EM  
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura

Representação  
da UNESCO  
no Brasil



Ministério do  
Meio Ambiente

Ministério  
da Educação

# vamos cuidar do Brasil

© 2007. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) – Ministério da Educação

*Comissão Editorial:* Eneida Lipai, Fábio Deboni, Marcos Sorrentino, Patrícia Mendonça, Philippe Pomier Layrargues, Rachel Trajber, Soraia Silva de Mello

*Organização e Coordenação Editorial:* Soraia Silva de Mello e Rachel Trajber

*Colaboração:* Luciano Chagas Barbosa, Luiz Cláudio Lima Costa, Marlova Intini, Neusa Helena Rocha Barbosa, Bruno Bormann, Xanda de Biase Miranda

*Revisão:* Adilson dos Santos

*Projeto Gráfico, Capa e Diagramação:* Paulo Selveira

*Catálogo:* Maria Ivete Gonçalves Monteiro Rodrigues

*Ilustrações:* todas as ilustrações são de autoria das escolas que participaram da I e II Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente.

*Ilustração do Prefácio, Apresentação e Sobre os Autores:* Escola de Ensino Fundamental Deputado Silvio Ferraro, Siderópolis, Santa Catarina

*Fotos da capa:* Sérgio Alberto

*Tiragem:* 67 mil exemplares

Vamos cuidar do Brasil : conceitos e práticas em educação ambiental na escola /

V 216 [Coordenação: Soraia Silva de Mello, Rachel Trajber]. – Brasília:

Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente,  
Departamento de Educação Ambiental : UNESCO, 2007.

248 p. : il. ; 23 x 26 cm.

Vários colaboradores.

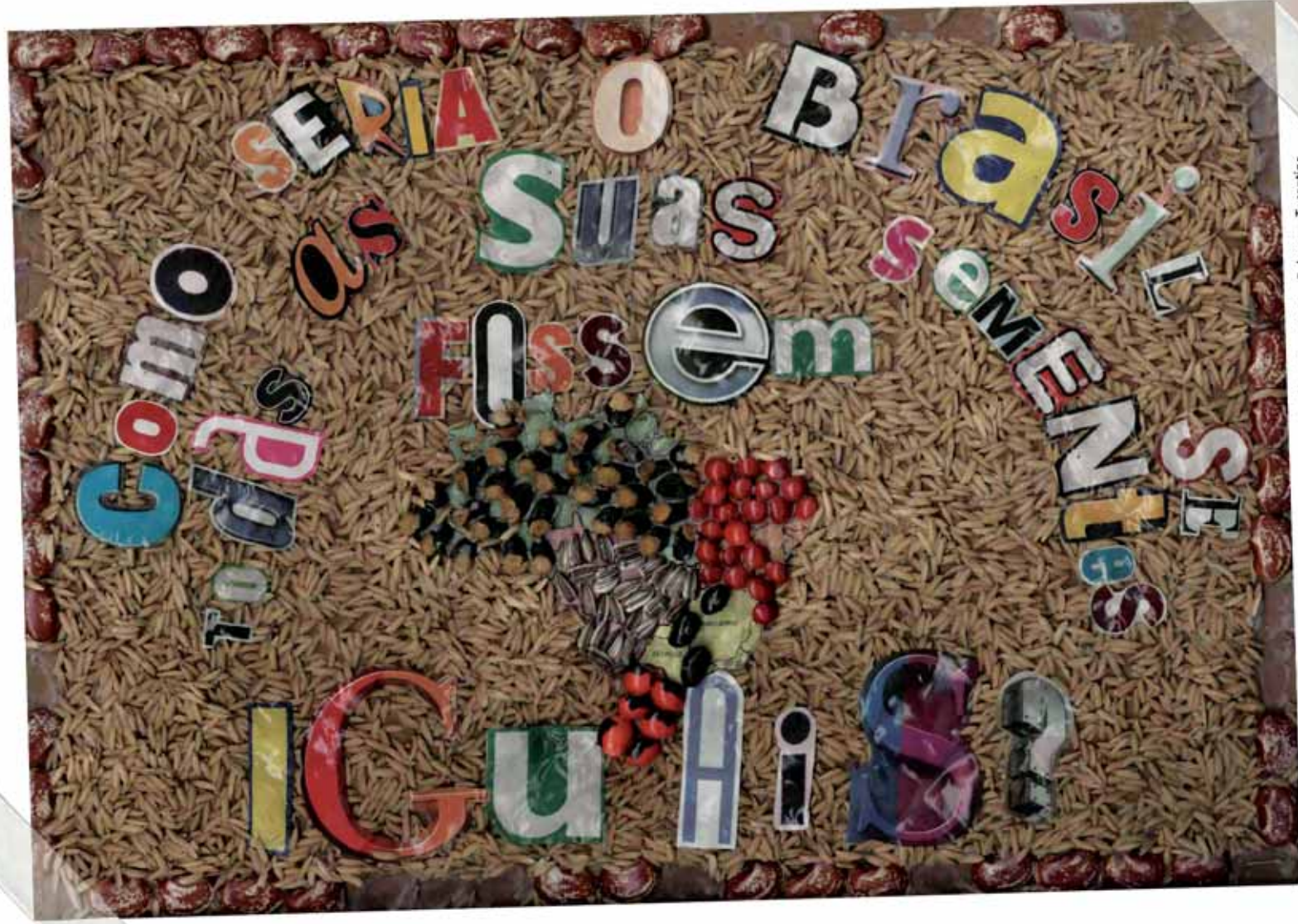
ISBN 978-85-60731-01-5

1. Educação ambiental – Brasil. 2. Educação básica – Brasil. I Título.

CDD 372.357

CDU 37:504

Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste livro bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as do MEC, do MMA e da UNESCO, nem comprometem as referidas instituições. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte do MEC, do MMA e da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.



Escola Municipal Boa Esperança – Palmas – Tocantins

# Educação ambiental crítica: contribuições e desafios

Carlos Frederico B. Loureiro

NESTE TEXTO APRESENTO PRESSUPOSTOS DEFINIDORES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA BEM COMO SUA RELEVÂNCIA E PERTINÊNCIA NO FAZER EDUCATIVO ESCOLAR. AO FINAL, TRAGO ALGUNS DESAFIOS, COM ESPECIAL ÊNFASE NA PROBLEMATIZAÇÃO DO QUE SIGNIFICA “CONSCIENTIZAR” E SUAS IMPLICAÇÕES PARA PROJETOS E ATIVIDADES INSERIDAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FORMAL.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

CRÍTICA, EMANCIPAÇÃO, CONSCIENTIZAÇÃO, REFLEXÃO, PRÁTICA.



## SITUANDO A PERSPECTIVA CRÍTICA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O que a perspectiva crítica trouxe de contribuição aos processos educativos ambientais? O que ela representa para educadores-educandos na atividade escolar? Como tem sido trabalhada nas escolas? Estas são algumas entre muitas questões que podemos apresentar para pensar uma tendência que cresceu consideravelmente nas duas últimas décadas.

Ao olharmos rapidamente para a história da educação ambiental, observamos que esta vem sendo adjetivada de várias formas. Isso se explica. O campo foi formado por diversas visões de mundo em diálogo e disputa, e nossa identidade se definiu mais pela negação ao estilo de vida urbano-industrial e aos valores culturais individualistas e consumistas do que por pontos comuns na proposição de alternativas. Com isso, para não cairmos em uma visão homogeneizadora ou simplificada, acabamos por sentir a necessidade de explicitar as diferentes abordagens configuradas no modo de se fazer tal refutação e construir outros caminhos. Bem ou mal, por vezes complicando mais do que facilitando, falar simplesmente “educação ambiental” pode não ser suficiente para se entender o que se pretende com a prática educativa ambiental.

Concretamente, a *educação ambiental crítica* se insere no mesmo bloco ou é vista como sinônimo de outras denominações que aparecem com frequência em textos e discursos (transformadora, popular, emancipatória e dialógica), estando muito próxima também de certas abordagens da denominada ecopedagogia. A sua marca principal está em afirmar que, por ser uma prática social como tudo aquilo que se refere à criação humana na história, a educação ambiental necessita vincular os processos ecológicos aos sociais na leitura de mundo, na forma de intervir na realidade e de existir na natureza. Reconhece, portanto, que nos relacionamos na natureza por mediações que são sociais, ou seja, por meio de dimensões que criamos na própria dinâmica de nossa espécie e que nos formam ao longo da vida (cultura, educação, classe social, instituições, família, gênero, etnia, nacionalidade etc.). Somos sínteses singulares de relações, unidade complexa que envolve estrutura biológica, criação simbólica e ação transformadora da natureza.

Com a perspectiva crítica, entendemos que não há leis atemporais, verdades absolutas, conceitos sem história, educação fora da sociedade, mas relações em movimento no tempo-espaço e características peculiares a cada formação social, que devem ser permanentemente questionadas e superadas para que se construa uma nova sociedade vista como sustentável.

A compreensão e a aceitação de tais premissas conduzem os educadores ambientais para além de uma forte tendência, muito comum até os anos de 1980 e que ainda se faz presente em discursos de empresas e de grandes veículos de comunicação de

massa: a de que à educação ambiental caberia exclusivamente o ensino de conteúdos e conhecimentos biológicos, destacadamente os de cunho ecológico, a transmissão de condutas ecologicamente corretas e a sensibilização individual para a beleza da natureza, levando-nos a mudar de comportamento. Esta, que aparentemente se mostra uma posição interessante, ignora os intrínsecos processos de aprendizagem e a necessidade social de se mudar atitudes, habilidades e valores e não apenas comportamentos. Acaba, assim, por não associar as condições históricas à nossa ação individual em sociedade e deixa de problematizar o fato de que nem sempre é possível fazer aquilo que queremos fazer, tendo ou não consciência das implicações. A *educação ambiental crítica*, portanto, rompe com tal tendência, pois esta é, em última instância, reproducionista das relações de poder existentes – algo muito agradável a setores que querem que “tudo mude para permanecer como está”, desde que os riscos de colapso ecossistêmico e degradação das condições de vida no planeta sejam minimizados ou “empurrados para a frente”.

Distingue-se também de algumas abordagens recentes que procuram incorporar objetivos educacionais para além da transmissão de conteúdos e da sensibilização, admitindo os limites da tendência anteriormente citada, mas que acabam por cair em outro tipo de reducionismo: interpretar os processos sociais unicamente a partir de conteúdos específicos da ecologia biologizando o que é histórico-social. A consequência é uma visão funcionalista de sociedade, estabelecendo analogias generalizantes entre sistemas complexos e auto-regulados distintos e ignorando a função social da atividade educativa, numa sociedade economicamente desigual e repleta de preconceitos culturais.

Com isso, o elementar torna-se secundário. Em nossa prática, para a perspectiva crítica, é preciso admitir que um ato educativo carrega a relação entre o que se quer e o que se faz em uma escola e o que a sociedade impõe na forma de expectativas e exigências à instituição e às pessoas, pólos estes apinhados de tensionamentos. Para a *educação ambiental crítica*, conseqüentemente, a prática escolar exige o conhecimento da posição ocupada por educandos na estrutura econômica, da dinâmica da instituição escolar e suas regras e da especificidade cultural do grupo social com o qual se trabalha.

Todavia aqui cabe lembrar que se a *educação ambiental crítica* não comporta separações entre cultura-natureza, fazendo a crítica ao padrão de sociedade vigente, ao *modus operandis* da educação formal, à ciência e à filosofia dominante, ela deve ser efetivamente autocrítica. Crítica sem autocrítica é problematizar o movimento da vida querendo ficar de fora, sem “colocar a mão na massa, algo inaceitável para uma perspectiva na qual não pode haver oposição entre teoria e prática. Assim, não basta apontar os limites e contradições e fazer denúncias. É preciso assumir com tranquilidade que vivemos em sociedade e que, portanto,

mesmo quando buscamos ir além da realidade na qual estamos imersos, acabamos muitas vezes repetindo aquilo que queremos superar. Os dilemas que vivenciamos não são um mal em si. O complicado é se colocar acima de tudo e de todos! Admitir erros, incertezas, inquietações e dificuldades é inerente ao processo de transformação da realidade e constituição dos sujeitos, sendo indispensável para refletirmos sobre o que fazemos, o que buscamos e quais são os caminhos que estamos trilhando.

Posta nesses termos, a *educação ambiental crítica* é bastante complexa em seu entendimento de natureza, sociedade, ser humano e educação, exigindo amplo trânsito entre ciências (sociais ou naturais) e filosofia, dialogando e construindo pontes e saberes transdisciplinares. Implica igualmente o estabelecimento de movimento para agirmos-pensarmos sobre elementos micro (currículo, conteúdos, atividades extracurriculares, relação escola-comunidade, projeto político pedagógico etc.) e sobre aspectos macro (política educacional, política de formação de professores, relação educação-trabalho-mercado, diretrizes curriculares etc.), vinculando-os.

Mas o que é complexo e aparece como sendo muito complicado não está distante da prática cotidiana da comunidade escolar. Pelo contrário, uma vez que as dificuldades e possibilidades indicadas são concretas na sociedade contemporânea, cotidianamente são vivenciadas pela comunidade escolar. Portanto, os desafios precisam ser assumidos e enfrentados pela educação ambiental e não ignorados para justificar respostas simples e a adoção de modelos de fácil aplicação (a famosa “receita de bolo”), que aliviam angústias, mas pouco ajudam ao processo educativo e à superação das condições de degradação da vida e de destruição planetária.

Por sinal, é fácil observar que educadores e educandos, ao participarem da consolidação de ações afinadas com uma abordagem crítica da educação ambiental se sentem à vontade e motivados com tal perspectiva. Isso se explica, pois, ao trazermos a educação ambiental para a realidade concreta, para o dia-a-dia, evitamos que esta se torne um agregado a mais, idealmente concebido nas sobrecarregadas rotinas de trabalho. Evitamos também que fique no plano do discurso vazio de “salvação pela educação” ou da normatização de comportamentos “ecologicamente corretos”. Com isso, torna-se um componente e uma perspectiva inerentes ao fazer pedagógico, potencializando o movimento em busca de novas relações sociais na natureza. Diríamos mais, ao perceberem tal processo, muitos educadores que antes tinham resistência à “questão ambiental”, por entenderem-na como uma discussão descolada das condições objetivas de vida, acabam incorporando a educação ambiental e vestindo a camisa.

Os efeitos deste movimento crítico na educação ambiental são bastante visíveis. Há uma ampliação na compreensão do mundo e o repensar das relações eu-eu, eu-outro, eu-nós no mundo. Temas anteriormente tratados como meio para a preservação ou respeito à natureza (elementos importantes, mas insuficientes ao reforçarem a dicotomia cultura-natureza) são problematizados

em várias dimensões (cultural, econômica, política, legal, histórica, geográfica, estética etc.). Projetos que ficavam como um apêndice são concebidos e planejados em diálogo com a estrutura pedagógica de cada escola. Ações que ignoravam secretarias de educação e a autonomia escolar reconhecem que é preciso dialogar com o mundo da educação e intervir nas políticas públicas para que práticas viáveis sejam democratizadas. E o principal: a perspectiva ambiental passa a fazer parte ativa dos projetos político-pedagógicos (PPP) permeando a instituição escola em seu pulsar.

## EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NAS ESCOLAS: DESAFIOS

Diante do que a *educação ambiental crítica* traz como contribuição, quais seriam os principais desafios a serem enfrentados? Entre vários que podem ser destacados em função dos próprios desafios da educação nacional em um contexto de mercantilização da vida, listaria três.

Um primeiro é repensar os próprios objetivos de projetos e práticas pedagógicas. É muito comum se afirmar que o objetivo da educação ambiental é conscientizar alunos e comunidades. Ora, e o que é conscientizar? É um conceito com muitos significados, mas normalmente quando as pessoas fazem menção a ele querem dizer: sensibilizar para o ambiente; transmitir conhecimentos; ensinar comportamentos adequados à preservação desconsiderando as características socioeconômicas e culturais do grupo com o qual se trabalha. Em resumo, dar ou levar consciência a quem não tem. E é aí que está o risco, pois fica pressuposto que a comunidade escolar não faz certo porque não quer ou não conhece ou não se sensibiliza com a natureza. Será que podemos afirmar isso com segurança? Será que os educadores ou proponentes dos projetos possuem a solução ou estão mais sensibilizados para a natureza do que os demais participantes? Muitas vezes verificamos que um grupo social reconhece a importância da preservação e da busca pela sustentabilidade e está sensível às questões ambientais, mas age de forma aparentemente contraditória. No fundo, não raramente o que parece ser um comportamento inaceitável sob um prisma ecológico, é o que há de plausível diante das possibilidades imediatas em uma dada realidade. Expandir conhecimentos e a percepção do ambiente é necessário à condição de realização humana, contudo no processo educativo isso se vincula a contextos específicos, a organizações sociais historicamente formadas. Assim, a questão não é somente conhecer para se ter consciência de algo, mas conhecer inserido no mundo para que se tenha consciência crítica do conjunto de relações que condicionam certas práticas culturais e, nesse movimento, superarmo-nos e às próprias condições inicialmente configuradas.



Logo, entendo que o cerne da *educação ambiental crítica* é a problematização da realidade, de nossos valores, atitudes e comportamentos em práticas dialógicas. Ou seja, aqui conscientizar só faz sentido se for no sentido posto por Paulo Freire de “conscientização”: de processo de mútua aprendizagem pelo diálogo, reflexão e ação no mundo. Movimento coletivo de ampliação do conhecimento das relações que constituem a realidade, de leitura do mundo, conhecendo-o para transformá-lo e, ao transformá-lo, conhecê-lo. Dinâmica escolar que reconhece as especificidades de professores, pais, alunos e demais integrantes da comunidade escolar, mas que não pensa o acesso à informação e à cultura dissociada da contextualização da prática e da recriação da própria cultura.

Assim, entendo que “conscientizar” é um conceito problemático de ser utilizado, pois pode ser pensado em termos unidirecionais, de se levar luz para os que não a possuem, de se ensinar aos que nada sabem. Para a *educação ambiental crítica*, a emancipação é a finalidade primeira e última de todo o processo educativo que visa a transformação de nosso modo de vida; a superação das relações de expropriação, dominação e preconceitos; a liberdade para conhecer e gerar cultura tornando-nos autônomos em nossas escolhas. Portanto, cabe deixar a pergunta: será que é melhor continuar usando “conscientizar” indistintamente ou é mais adequado explicitar outros objetivos que evidenciem claramente os vínculos com a busca pela emancipação e a construção da sustentabilidade democrática?

Outro desafio ao educador ambiental está na capacidade de repensar a estrutura curricular levantando os motivos históricos que conduziram a determinada configuração disciplinar e sua importância para o atendimento dos interesses dominantes na sociedade. Isso pode facilitar a construção de atividades integradas, considerando as possibilidades de cada escola e seus objetivos institucionais. Por vezes, observo que há uma simplória recusa à disciplina, considerando impossível qualquer trabalho sério de educação ambiental enquanto a escola estiver assim organizada ignorando sua própria dinâmica interna; por vezes, se aceitam simplesmente as disciplinas como se não fossem fenômenos históricos, portanto, o que nos resta é fazer o jogo e fragmentar a educação ambiental. Ambas as abordagens me parecem reducionistas, desprezando os saberes docentes e a importância dos sujeitos na ruptura das estruturas.

Um último desafio a ser mencionado é a necessidade de atuação efetiva dos educadores ambientais nos espaços públicos que foram conquistados com o processo de democratização do Estado brasileiro (conselhos, comitês, fóruns, agendas, pólos, núcleos etc.). Isso fortalece o esforço de construção de um sistema de educação ambiental no país e a capacidade de interferência nas políticas públicas, em geral, e nas políticas de educação, especificamente. Muito avançamos, mas não podemos desanimar nem

nos acomodar! Esta inserção da educação ambiental nas demais políticas é absolutamente estratégica para caminharmos rumo a uma sociedade sustentável. Além disso, é preciso, no âmbito escolar, conseguir a inserção da educação ambiental no projeto político-pedagógico e a consolidação de espaços de participação institucionais, aglutinando Agendas 21 escolares, COM-VIDAS<sup>17</sup>, grêmios, conselhos escola-comunidade, associações de pais, entre outras formas coletivas de atuação legitimamente construídas em todo o país e nas quais a discussão ambiental pode ser inserida e potencializada.

O desafio é grande e não deve ser visto como desanimador ou angustiante. O prazer de ser educador ambiental reside não na certeza dos resultados, mas na construção permanente de novas possibilidades e reflexões que garantam o aprendizado, o respeito às múltiplas formas de vida e ao planeta e a esperança de que podemos, sim, construir um mundo melhor para todos, igualitário, culturalmente diverso e ecologicamente viável.

## PARA SABER MAIS

CARVALHO, I. C. de M. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004.

GUIMARÃES, M. (Org.) *Caminhos da educação ambiental: da forma à ação*. Campinas: Papirus, 2006.

\_\_\_\_\_. *A Formação dos educadores ambientais*. Campinas: Papirus, 2004.

LOUREIRO, C. F. B. *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. *Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. *Trajatória e fundamentos da educação ambiental*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Orgs.). *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MATOS, K. S. L. (Org.) *Cultura de paz, educação ambiental e movimentos sociais: ações com sensibilidade*. Fortaleza: Edufc, 2006.

SANTOS, J. E. dos; SATO, M. (Orgs.) *A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora*. 3.ed. São Carlos: Rima, 2005.

TOZONI-REIS, M. F. de C. *Educação ambiental: natureza, razão, história*. São Paulo: Autores Associados, 2004.

### ARTIGOS RELACIONADOS:

- UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS: CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE OS RESULTADOS DO PROJETO "O QUE FAZEM AS ESCOLAS QUE DIZEM QUE FAZEM EDUCAÇÃO AMBIENTAL"
- EDUCAÇÃO AMBIENTAL: PARTICIPAÇÃO PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA
- EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS PROJETOS TRANSVERSAIS

17. Para mais informações, ver o artigo Pensando sobre a "geração do futuro" no presente: jovem educa jovem, COM-VIDAS e Conferência.